

20-01-2022

## OS MÉDICOS E OS TEXTOS

### Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.  
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

A palavra inventa o mundo, coloca o universo no céu da boca de uma criança. Bebês choram quando conseguem montar a palavra desejada. Adolescentes despejam toneladas de texto no mundo, picham as paredes das cidades com suas incógnitas. Os velhos, por vezes cansados, trocam as palavras pelo silêncio.

Preferem admirar a palavra força dos filhos.

A casa poema espera a chegada dos filhos e netos. Venham, fiquem mais. Encham essas paredes encardidas de palavra nova. O bebê chorando, a briga das crianças e o mau humor adolescente são formas misteriosas de enchimento. Um domingo cheio é aquele de frango, macarrão e mesa posta. Um serve-se do outro, servidos de olhar, mastigam histórias. Os mistérios da vida estendem-se às incógnitas da palavra. Uma cena comoveu o poeta, uma comoção gerada pela negação da idade. Vi uma amiga adoecer. Ela perdia a destreza de boca e língua. A mão enganava-a. O copo descia dedo sem tato. Levada ao hospital, rapidamente reagiu melhora. Na sua briga interna pela liberdade, dizia aos sintomas: *“aquí não queridinhos!”* Chamou o médico e clamou por alta. Aguarde um pouco mais! Tenha calma. Esperneou humor para ter a saída: *Tenho festa para ir e bolo para fazer*. Novamente, a liberdade assistida não era concedida. Até prometeu fazer dieta. Prometia qualquer coisa para sair dali. Sentiu que o canto do pássaro na gaiola não era belo, apenas triste. A única coisa livre do pássaro na gaiola é o seu canto. Uma reclamação dolorida de liberdade. Outro litro de soro, outra noite mal dormida. Perguntava pelas plantas.

Estava ansiosa por notícias dos cachorros.

A filha aconselhava: *“mãe, não é hora de pensar nisso”*. Toda ligação que recebia queria colher informações do mundo. Notícias. Fofocas. Histórias. Pouco importava o conteúdo, desde que fosse conteúdo do mundo.

A filha voltava a tolhê-la, não por maldade, era um tipo especial de cuidado. Ela, a mãe, estava inquieta com o tédio, desconfortável com a camisola e quase irritada com os paparicos. Chega dessa bajulação estranha!

A todo instante um ligava perguntando *“está tudo bem mesmo?”*; ou *“Está se sentido melhor?”*. Mas a pior de todas era: *“você vai sair dessa”*. Isso era quase um tapinha nas costas dizendo: *“a coisa está feia para o seu lado”*. Quando se deu quase vencida pela perpétua internação, pediu um livro. Tinha vontade de palavra que não fossem os protocolos médicos e da falta de criatividade das conversas que a rodeavam. A doença até parece que é mais importante do que os próprios sujeitos. Os livros chegaram, um romance espírita; o outro cujo título chamou atenção Cem Anos de Solidão. Ela, que não é boba, pegou o romance do Gabriel Garcia Marques. Estava muito viva para ler história de gente desencarnada. O romance de histórias que se confundem pela grande quantidade de personagens.

Há um vaivém de gente e um balé de vozes e memória.

A confusão narrada é a vida tornando texto ou palavra tomando peso de gente. Deitou-se na cama, aquietou o corpo e pôs-se a imaginar. Imaginação de palavra é a viagem com vontade de mundo. A alma vai ao infinito da linguagem e racha as paredes racionais dos hospitais.

Os doentes são exilados do mundo e colocados na caixinha da doença. A cura está na força desejante de mundo. Um enfermo que perde a vontade de olhar o mundo, acomoda-se pela inanição da alma.

Talvez a leitura seja esse grande remédio da alma que cura os nervos, seu princípio ativo é a imaginação.

O bom paciente é o impaciente. A vida não acontece aqui nessas paredes frias, mas no tintilar do sol.

Adoecemos mais ainda quando perdemos o sentido das horas, ou quando as horas não fazem sentido. A morte anuncia-se com a ausência da imaginação, a alma recolhe-se no corpo, volta-se para casa e trancafia-se dentro de si. Os hospitais, lugares de gente tão séria, deveriam colocar nos seus cardápios sopas de letrinhas. As receitas deveriam ser entregues em versos.

Junto aos exames de imagem, exercícios de imaginação.

Voltando a minha amiga, depois de 30 páginas de Cem anos de solidão, teve a bendita alta.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.